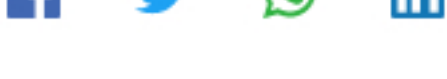


Estudo da pobreza leva Nobel de Economia

Os três foram pioneiros em experimentos de políticas específicas para melhorar resultados educacionais e de saúde, além de analisar outros problemas associados à vida dos mais pobres

Por Paul Hannon e Dominic Chopping — Dow Jones Newswires

15/10/2019 05h00 · Atualizado há 7 horas



Esther Duflo é a segunda mulher a ganhar o Nobel de Economia — Foto: Michael Dwyer/AP

O Prêmio Nobel de Economia foi concedido ontem a um trio de economistas baseados nos EUA, por sua “abordagem experimental para aliviar a pobreza mundial”.

Abhijit Banerjee e Esther Duflo, ambos professores de economia do Instituto de Tecnologia de Massachusetts (MIT), e Michael Kremer, professor da Universidade Harvard, segundo o comitê do Nobel, tiveram um papel fundamental na transformação da abordagem sobre a redução da pobreza mundial.

Os três foram pioneiros, a partir de meados dos anos 90, em experimentos de políticas específicas para melhorar resultados educacionais e de saúde, além de analisar outros problemas associados à vida dos muito pobres.

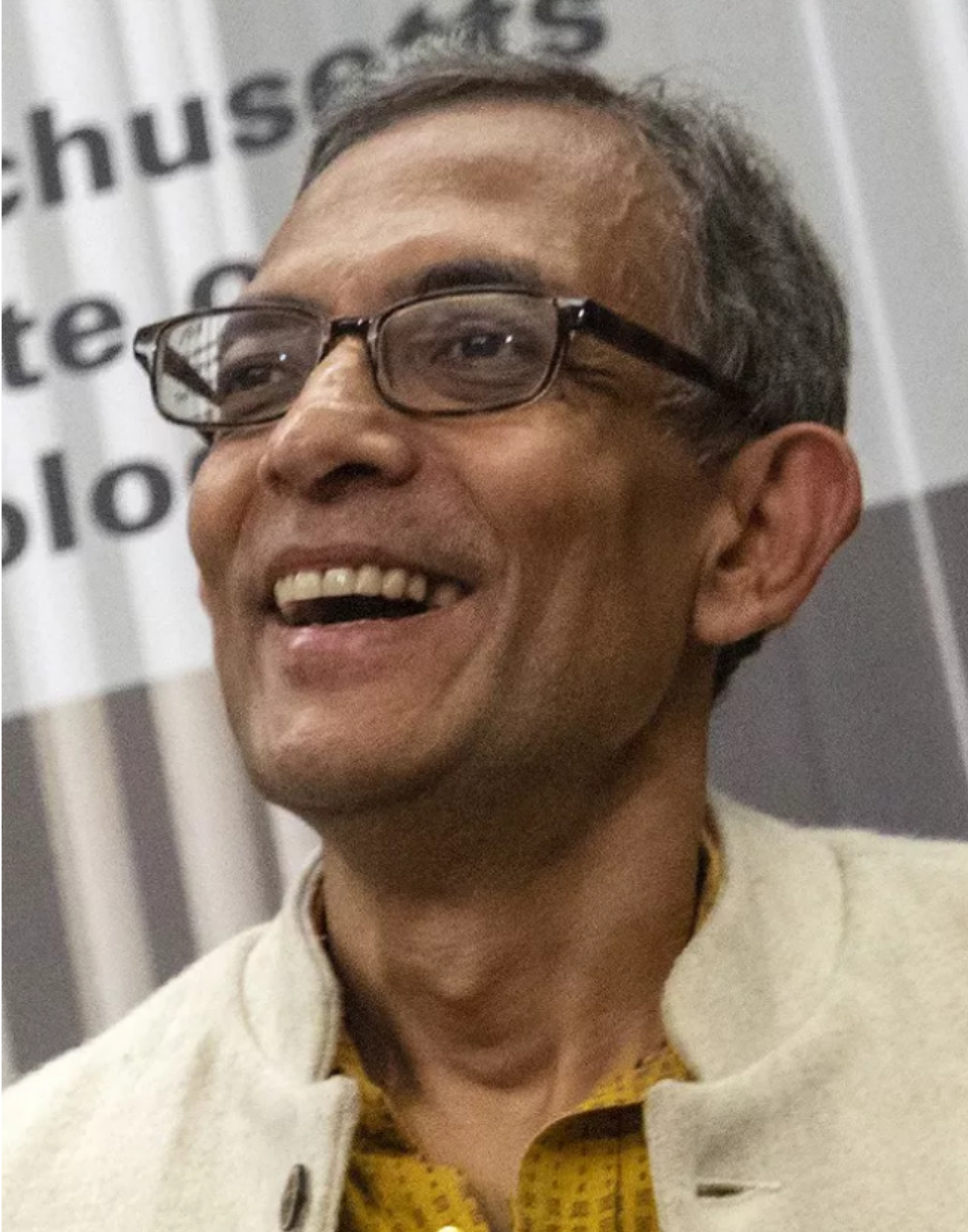


Michael Kremer foi pioneiro em conduzir experimentos em campo — Foto: Jon Chase Harvard University via AP

Os economistas estudaram a pobreza desde o século 19, mas quase sempre buscando “traços de caráter” que diferenciam os muito pobres do resto da sociedade, e oferecem soluções baseadas em teorias econômicas sobre como as pessoas devem se comportar em resposta a incentivos, sem tentar descobrir como esses incentivos funcionam na prática.

“Muitas vezes, os pobres são reduzidos a caricaturas”, disse Esther Duflo. “O que queremos fazer é tentar analisar os problemas [que eles enfrentam] um por um e tratá-los o mais rigorosamente possível.”

Segundo o comitê do Prêmio Nobel, mais de 700 milhões de pessoas sobrevivem com renda extremamente baixa, enquanto a cada ano cinco milhões de crianças com menos de cinco anos morrem de doenças que muitas vezes poderiam ser prevenidas ou tratadas com um pequeno conjunto de intervenções comprovadas. Enquanto a maioria das crianças nos países pobres frequenta a escola primária, muitas saem dela sem proficiência em leitura, escrita e matemática.



Abhijit Banerjee, ao lado de Duflo, ampliou o trabalho de Kremer — Foto: Michael Dwyer/AP

A abordagem experimental no exame das causas e soluções para essas deficiências começou na metade dos anos 90, com uma série de estudos escolares no oeste do Quênia, que foram resumidos em um artigo de 2003 pelo professor Kremer para a American Economic Review, uma das revistas mais prestigiadas da disciplina.

O trabalho de seus colegas de Prêmio Nobel e de um número cada vez maior de outros pesquisadores expandiu a abordagem para vários áreas, entre elas as de saúde, disponibilidade de crédito, acesso das mulheres ao poder político e tecnologias agrícolas.

O comitê do Nobel afirmou que o trabalho dos três levou a melhorias na vida de muitas pessoas pobres, e observou que, como resultado direto de um dos estudos, 5 milhões de crianças indianas se beneficiaram de aulas de recuperação em suas escolas, enquanto vários países aumentaram seus gastos com cuidados preventivos de saúde.

Esther Duflo é apenas a segunda mulher a ganhar o Nobel de Economia desde que a premiação começou, em 1969, e é a mais jovem a recebê-lo. Ela divide o prêmio, em parte, com Banerjee, que é seu marido. Os dois escreveram Poor Economics: A Radical Rethinking of the Way to Fight Global Poverty (A economia dos pobres: repensar de modo radical a maneira de combater a pobreza mundial).

A premiação de Esther Duflo ocorre em um momento em que as profissões da área econômica começam a admitir problemas no seu tratamento das mulheres - que ainda têm uma representação muito baixa nos cargos de mais alto escalão.

“Estamos começando a perceber que a maneira como nos comportamos não é propícia a um bom ambiente para as mulheres”, afirmou Duflo ontem em entrevista coletiva. “Espero inspirar outras mulheres a continuarem seu trabalho, e os homens a dar-lhes o respeito que elas merecem.”

A professora disse que as técnicas experimentais aplicadas à pobreza extrema nos países em desenvolvimento podem ser aplicadas a “pessoas de países ricos que também têm vidas difíceis”.

“Temos que fazer um trabalho muito mais profundo para entender as vidas dos menos afortunados em nossas sociedades, diante de todos os transtornos que eles enfrentam”, disse ela.

O prêmio de 2019 é o segundo em cinco anos a ser concedido para um trabalho em Economia do Desenvolvimento, um campo que não recebia muita atenção do comitê antes. Em 2015, Angus Deaton ganhou o Nobel por ampliar a disciplina para a “análise microeconômica”.